

Roteiro de estudos

Interpretação de texto (volume 1)

Capítulo 1

Aprofundamento teórico

Silepse e anacoluto

Quiasmo e hipérbato

Aprofundamento prático

Propostos: 27, 38!, 39 e 40.

Complementares: 44! e 47

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Figuras sintáticas

Relações de ruptura

Hipérbato: _____

Exemplos:

a)

1.

2.

b)

Reorganização em ordem direta:

Continuação

c)

Raiava, ao longe, em fogo a lua nova,
Lembras-te?... apenas reluzia a medo,
Na escuridão crepuscular da alcova
O diamante que ardia-te no dedo...

Reorganização em ordem direta:

Exercício exemplo: _____

Exercício desafio: _____

Exercícios de fixação

(Unesp 2020)

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Reorganização em ordem direta:

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

1. Está reescrito em ordem direta, sem prejuízo de seu sentido original, o seguinte verso:

a) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe) → Quem aquele prado fez tão diferente?

b) “Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço” (2ª estrofe) → Uma fonte houve aqui; eu não me esqueço.

c) “Ali em vale um monte está mudado:” (2ª estrofe) → Ali está mudado um monte em vale.

d) “Tudo outra natureza tem tomado,” (1ª estrofe) → Tudo tem tomado outra natureza.

e) “Nem troncos vejo agora decadentes.” (3ª estrofe) → Nem troncos decadentes vejo agora.

2. O tom predominante no soneto é de

- a) ingenuidade.
- b) apatia.
- c) ira.
- d) ironia.
- e) perplexidade.

3. O eu lírico recorre ao recurso expressivo conhecido como hipérbole no verso:

- a) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe)
- b) “E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.” (1ª estrofe)
- c) “Quanto pode dos anos o progresso!” (2ª estrofe)
- d) “Que faziam perpétua a primavera.” (3ª estrofe)
- e) “Árvores aqui vi tão florescentes,” (3ª estrofe)

(Unesp 2020)

Leia o excerto do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarroneia evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards*¹ dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

(*Clara dos Anjos*, 2012.)

¹*placards*: nome que se dava às tabuletas que traziam resultados de competições esportivas, publicados nos jornais.

4.

a) “no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar” (1º parágrafo). Identifique as figuras de linguagem utilizadas pelo narrador nas expressões sublinhadas.

b) Reescreva o trecho “lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar” (2º parágrafo), empregando a ordem direta e adequando-o à norma-padrão da língua escrita.

Espaço para resolução: _____

(Unesp 2018)

Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696).

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Reorganização em ordem direta:

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Reorganização em ordem direta:

5. O verso está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original, em:

a) “Começa o mundo enfim pela ignorância,” (4ª estrofe) → Pela ignorância, enfim, o mundo começa.

b) “Em tristes sombras morre a formosura,” (1ª estrofe) → A formosura morre em tristes sombras.

c) “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,” (1ª estrofe) → O Sol não dura mais que um dia que nasce.

d) “Depois da Luz se segue a noite escura,” (1ª estrofe) → Segue-se a noite escura depois da Luz.

e) “Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,” (3ª estrofe) → Mas falte a firmeza no Sol e na Luz.

6. Verifica-se a ocorrência de um termo subentendido, mas citado no verso anterior, em:

- "Se é tão formosa a Luz, por que não dura?" (2ª estrofe)
- "Como o gosto da pena assim se fia?" (2ª estrofe)
- "Em contínuas tristezas a alegria." (1ª estrofe)
- "Na formosura não se dê constância," (3ª estrofe)
- "Depois da Luz se segue a noite escura," (1ª estrofe)

7. O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:

- "Nada é duradouro como a mudança." (Ludwig Börne, 1786-1837)
- "Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas." (Sófocles, 496-406 a.C.)
- "Nada é mais forte que o hábito." (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)
- "A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria." (William Blake, 1757-1827)
- "Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência." (Friedrich Schiller, 1759-1805)

8. A figura de linguagem mais recorrente nesse soneto é

- a hipérbole.
- a ironia.
- o eufemismo.
- a sinestesia.
- a antítese.

9. A exemplo do verso "A firmeza somente na inconstância." (4ª estrofe), verifica-se a quebra da lógica em:

- "Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza," (3ª estrofe)
- "Se é tão formosa a Luz, por que não dura?" (2ª estrofe)
- "Depois da Luz se segue a noite escura," (1ª estrofe)
- "Nasce o Sol, e não dura mais que um dia," (1ª estrofe)
- "E na alegria sinte-se tristeza." (3ª estrofe)

(Unifesp 2016)

Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à(s) quest(ões).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e

comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

10. "Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe" (2º parágrafo)

Reescrito em ordem direta, tal trecho assume a seguinte forma:

- Deus diz que os homens, senão declaradamente a sua plebe, comem não só o seu povo.
- Diz Deus que os homens comem não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe.
- Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente.
- Os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente, diz Deus.
- Os homens comem não só o seu povo, diz Deus, senão declaradamente a sua plebe.

11. No sermão, Vieira critica

- a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- a falta de ambição dos miseráveis.
- a ganância excessiva dos poderosos.
- o excesso de humildade dos miseráveis.
- o excesso de vaidade dos poderosos.

12. O primeiro parágrafo permite identificar o lugar em que o pregador profere seu sermão, a saber,

- o mar.
- o sertão.
- a floresta.
- a aldeia.
- a cidade.

(Fuvest)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

(Hilda Hilst, *Estar sendo. Ter sido*.)

13. No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que não ocorre é a

- redundância.
- inversão.
- gradação.
- metáfora.
- enumeração.

14. Na perspectiva do narrador, o Kramer é considerado sábio porque, como um bom sonhador,

- a) anima-se com a possibilidade de uma feliz e prolongada realização de seu sonho.
- b) percebe que a realização de seu sonho acabaria sendo uma forma de negá-lo.
- c) avalia objetivamente as circunstâncias de que depende a plena realização de seu sonho.
- d) sabe que os sucessivos adiamentos da realização de seu sonho acabarão por fazê-lo desistir de sonhar.
- e) acredita que a impossibilidade de realização de um sonho leva a um mais rápido amadurecimento.

(Vunesp 2015)

O Vinho de Hebe

Quando do Olimpo nos festins surgia
Hebe risonha, os deuses majestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ela, passando, os copos lhes enchia...

Reorganização em ordem direta:

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e pródiga de gozos,
Passa por nós, e nós também, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vazia...

Reorganização em ordem direta:

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ela, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atrás o seu caminho.

Reorganização em ordem direta:

Nós chamamo-la em vão; em nossos lábios
Restam apenas tímidos ressábios,
Como recordações daquele vinho.

Reorganização em ordem direta:

Raimundo Correia

15. É possível estabelecer uma relação metafórica entre a figura de Hebe e

- a) do Olimpo
- b) do vinho
- c) dos deuses
- d) das lembranças
- e) da mocidade

16. Acerca do poema, assinale a alternativa INCORRETA:

- a) o poeta se utiliza de linguagem descritiva
- b) a primeira estrofe serve de base ideológica para a transmissão do conteúdo geral
- c) há, no texto, correspondência analítica entre duas situações
- d) na terceira estrofe fica-nos a ideia da fugacidade do tempo
- e) o poeta sugere conferir maior importância ao presente do que ao passado

(Santa Casa 2023)

Qual tem a borboleta por costume,
que, enlevada¹ na luz da acesa vela,
dando vai voltas mil, até que nela
se queima agora, agora se consome,

tal eu correndo vou ao vivo lume
desses olhos gentis, Aónia bela;
e abraço-me, por mais que com cautela
livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,
o quanto se levanta o pensamento,
o como vou morrendo claramente;

porém, não quer Amor que lhe resista,
nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
qual em glória maior, está contente.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 1942.)

¹enlevada: atraída, fascinada.

17. No soneto, o eu lírico dirige-se, mediante vocativo,

- a) à vela.
- b) a Amor.
- c) à borboleta.
- d) a Aónia.
- e) à própria alma.

18. No soneto, o eu lírico

- a) compara-se a uma borboleta e os olhos de Aónia a uma vela acesa.
- b) compara Aónia a uma borboleta e os olhos dela a uma vela acesa.
- c) compara-se a um vivo lume e Aónia a uma borboleta.
- d) compara Aónia a uma borboleta e os olhos dela à luz de uma vela acesa.
- e) compara-se a um vivo lume e Aónia a uma vela acesa.

19. No trecho “em tal tormento, / qual em glória maior, está contente.”, o eu lírico faz uso do seguinte recurso:

- a) pleonasma.
- b) eufemismo.
- c) paradoxo.
- d) sinestesia.
- e) personificação.

(Unesp 2023)

Leia o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696)

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres¹,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

(Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*, 2010.)

¹ Na visão de Gregório de Matos, os mulatos em ascensão subjugam com esperteza os verdadeiros “homens nobres”.

20. O soneto de Gregório de Matos constitui um exemplo da sua poesia de teor

- a) nostálgico.
- b) satírico.
- c) metalinguístico.
- d) místico.
- e) encomiástico.

21. No soneto, o pronome “o” refere-se a

- a) “mundo”.
- b) “terreiro”.
- c) “conselheiro”.
- d) “olheiro”.
- e) “vizinho”.

(IME 2020)

O soneto XIII de *Via-Láctea*, coleção publicada em 1888 no livro *Poesias*, é o texto mais famoso da antologia, obra de estreia do poeta Olavo Bilac. O texto, cuidadosamente ritmado, suas rimas e a escolha da forma fixa revelam rigor formal e estilístico caros ao movimento parnasiano; o tema do poema, no entanto, entra em colisão com o tema da literatura típica do movimento, tal como concebido no continente europeu.

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

22. É correto afirmar que a ideia principal do texto

- a) sustenta que a atividade poética é a única forma de realizar uma compreensão subjetiva do mundo e da existência.
- b) expressa a concepção segundo a qual o sentimento amoroso pode ensejar uma atitude de contemplação e êxtase diante da realidade.
- c) constrói um diálogo hipotético entre o poeta e alguém para evidenciar uma forma religiosa de experiência pessoal.
- d) revela a atitude de sagacidade e de lucidez necessárias ao fazer poético.
- e) exprime o ponto de vista de valorização do bom senso próprio da vida cotidiana.

23. A palavra “pois”, usada em “Pois só quem ama pode ter ouvido” (verso 13),

- a) exprime a consequência dos hábitos cotidianos do poeta de ouvir e entender estrelas.
- b) tem uma função de justificação das razões pelas quais o poeta é capaz de ouvir e entender estrelas.
- c) traz em si uma ideia de contraponto ao enlevo poético descrito no poema.
- d) expressa a ideia da finalidade primeira do poeta enamorado, que é ouvir e entender estrelas.
- e) estabelece a ideia de alternância, mas sem relação de equivalência nos versos do texto.

24. O vocábulo afim ao campo semântico da palavra “espanto”, empregada em “E abro as janelas, pálido de espanto...” (verso 4), é

- a) desequilíbrio.
- b) tristeza.
- c) euforia.
- d) admiração.
- e) distração.

25. Dentre as afirmações abaixo, assinale a que é **falsa** em relação ao texto.

- a) Há uma nítida despreocupação quanto à perda de razão por parte da voz poética que, inclusive, abre as janelas para melhor “conversar com as estrelas”.
- b) É possível falar em um movimento argumentativo no soneto que se desenvolve em forma de diálogo com um hipotético interlocutor e conclui que só os que amam são capazes de realizar a proeza descrita.
- c) A luz do dia é recebida com tristeza pela voz poética, o que deixa ver a valorização da capacidade de entender as estrelas e, consequentemente, seu apeço pelo estado de enamoramento.
- d) São versos que se eternizam pelo tema escolhido, o amor, mote universal e atemporal.
- e) A invisibilidade do ser amado, que sequer é nomeado, tampouco caracterizado fisicamente, é uma das características mais marcantes do movimento romântico, ao qual o soneto está filiado, de acordo com a periodização literária.

(Santa Casa 2022)

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

26. Verifica-se o emprego de vírgula para assinalar a elipse de um verbo no seguinte verso:

- a) “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- b) “E eu morrerei, feliz, do coração” (4ª estrofe)
- c) “E um bife, e um queijo forte, e parati” (4ª estrofe)
- d) “Nem como os coelhos, roedor; nasci” (3ª estrofe)
- e) “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)

27. No soneto, o autor emprega o pronome “as” para se referir a

- a) “saladas” (2ª estrofe)
- b) “pastagens” (1ª estrofe)
- c) “hóstias desbotadas” (1ª estrofe)
- d) “manadas” (1ª estrofe)
- e) “peras e maçãs” (2ª estrofe)

28. No soneto, o eu lírico mostra-se

- a) animado por comer tudo o que lhe causa prazer.
- b) empolgado por conseguir comer com parcimônia.
- c) incomodado com aqueles que comem além do necessário.
- d) resignado com a necessidade de ter de fazer dieta.
- e) ressentido com aqueles que conseguem se manter na dieta.

Anotações

Gabarito

1.D 2.E 3.D

4:

a) O termo verbal “jorrava” foi usado em sentido figurado, emprestando noção conotativa de grande intensidade ao fluxo da multidão que saía das portas da Central, configurando, assim, uma hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística. Já na expressão “honesto pressa” o narrador utiliza a personificação para atribuir qualidades humanas, a honestidade, a seres inanimados, como a pressa.

b) Na ordem direta, o trecho “lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar” (2º parágrafo) apresenta a seguinte redação: *lembrava-se de que nem mesmo sabia pronunciar o nome delas.*

5.B	6.C	7.A	8.E	9.E	10.C	11.C
12.E	13.A	14.B	15.E	16.E	17.D	18.A
19.C	20.B	21.E	22.B	23.B	24.D	25.E
26.D	27.E	28.A				